

# Entre regionalismos, nacionalismos e globalização: panorama e contribuições à historiografia da imigração alemã no Brasil (1824-2024)\*

*Between regionalisms, nationalisms, and globalization: overview and contributions to the historiography on German immigration to Brazil (1824-2024)*

Bruno Gabriel Witzel de Souza e Miqueias Henrique Mügge\*\*

Nas duas primeiras décadas do século XXI abundam os bicentenários relacionados à consolidação do estado nacional brasileiro e de suas instituições, no pós-independência. São várias as efemérides que dão ensejo para revisitarmos temas relevantes à formação econômica e social do Brasil. Dentre elas está a o bicentenário da imigração alemã para o Brasil, tendo por marco histórico a fundação da Colônia de São Leopoldo (RS), em 25 de julho de 1824.<sup>1</sup>

Alguns leitores talvez ressalvem que o Império Alemão ainda necessitaria de quase cinco décadas para unificar seu território nacional, ou que os fluxos de pessoas, bens, capital e tecnologia entre os Estados Alemães,

---

\* DOI: 10.29182/hehe.v27i3.1031

A edição acadêmica deste dossiê contou com o financiamento do DAAD-PRIME 2022-2024 e com o apoio do Brazil LAB, da Universidade de Princeton. Bruno Witzel de Souza agradece o apoio da Universidade de Tübingen e UCLA, onde o trabalho editorial foi executado. Os editores agradecem ainda o suporte da ABPHE e o amplo apoio de Ivan Salomão, assim como os comentários de Leonardo Santin Gardenal, de Marcos Witt e de participantes do *XII Encontro de Pós-graduação em História Econômica e 10ª Conferência Internacional de História Econômica* (Ouro Preto) e do *Seminário Internacional História das migrações no contexto dos 200 anos de migrações alemãs para o Brasil / XXV Simpósio de História da Imigração e Colonização* (São Leopoldo).

\*\* Respectivamente: (1) Pesquisador associado pós-doutorando do Instituto de História Econômica & Social, Universidade de Göttingen | ORCID: 0000-0003-4792-4967 | E-mail: bruno.witzel@wiwi.uni-goettingen.de | (2) Pesquisador associado e coordenador de pesquisas acadêmicas do Brazil LAB, Universidade de Princeton | ORCID: 0000-0003-0133-6844 | E-mail: mmugge@princeton.edu

<sup>1</sup> Vide “Agenda Alemã no Brasil”: <<https://agendaalema.org.br/>> (último acesso em 18 de novembro de 2024).



a Península Ibérica e o território brasileiro datam desde o primeiro momento da conquista portuguesa. Em outras palavras, o marco inicial da imigração alemã poderia ser colocado (muito) além ou aquém de 1824. Esses leitores estarão em boa companhia, precedidos que foram pela observação de Giralda Seyferth (2011, p. 342) de que o primeiro núcleo rural para assentamento de camponeses alemães no Brasil foi de fato a Colônia Leopoldina. Fundada no sul da Bahia ainda em 1818 pelo naturalista alemão Georg W. Freyreiss, esta colônia privada rapidamente converteu-se em latifúndios escravocratas, sendo os motivos exatos do declínio dos pequenos proprietários um tema ainda em aberto (Freyreiss, 1824; Oberacker Jr., 1968, p. 209 e Fouquet, 1974, p. 57, *apud* Seyferth, 2011; Miki, 2018).

Apesar dessas potenciais críticas, a fundação de São Leopoldo (RS) permanece simbólica, justificando as comemorações culturais e diplomáticas de 2024. Primeiro, porque a fundação deste núcleo colonial e o engajamento de imigrantes nos Estados Alemães confundem-se com a formação do Estado nacional brasileiro. Como demonstrou Carlos Oberacker Jr. (1975), no cerne da iniciativa para o recrutamento de colonos que fundaram São Leopoldo residia uma preocupação militar. Para consolidar o novo império, era necessário dar conta de sua defesa. A historiografia recente tem se somado a Oberacker Jr. e mostrado que a fundação das colônias alemãs no Rio Grande do Sul foi resultado mais de uma mudança geopolítica nos anos 1822-1824 que um plano arquitetado com tal preocupação desde sua concepção. Ademais, a atuação de Schäffer e dos primeiros diplomatas brasileiros na Europa revelam intensa preocupação do Brasil em estabelecer-se como um império de fato, imitando e adaptando repertórios políticos de ocupação de fronteiras levadas a cabo por outros impérios, em especial o austríaco, o inglês e o russo (Lemos, 2013; Mügge, 2022; 2024). Em segundo lugar, porque São Leopoldo constitui um caso de sucesso institucional e econômico: um núcleo colonial em que o objetivo das políticas de assentamento de pequenos proprietários foi alcançado de modo geral (Carvalho Filho; Monasterio, 2012); uma região que se beneficiou historicamente da produção agrícola e manufatureira introduzidas e/ou ampliadas por imigrantes alemães (Willems, 1942, p. 75-77; Amado, [1977] 2002; Bender, 2007; Witt, 2014); e um município que hoje desfruta de bem-estar econômico

e social relativamente altos, parte do qual atribuível a estruturas institucionais, organizacionais e culturais estabelecidas por gerações anteriores.<sup>2</sup>

Ao mesmo tempo, a historiografia mais recente tem demonstrado que o estudo dos núcleos coloniais – São Leopoldo, em particular – e da imigração dos povos de língua alemã no Brasil têm muito a ganhar se colocados em contextos amplos, com menos enfoque nas suas excepcionalidades. Em particular, essa perspectiva historiográfica salienta que a história e desenvolvimento de colônias de camponeses estrangeiros, fundadas pela iniciativa pública ou privada, podem ser melhor compreendidos se colocados em diálogo com os trabalhos sobre o Brasil latifundiário e escravocrata do século XIX (Tramontini, 2000; Seyferth, 2011; Staudt Moreira; Mügge, 2014; Schulze, 2015; Relly, 2016; Gregory, 2024).

O presente dossiê considera essas duas perspectivas historiográficas igualmente corretas e busca demonstrar que inexiste uma contradição entre elas. A imigração dos povos de língua alemã para o Brasil tem aspectos inquestionavelmente extraordinários, como o alto nível de capital humano médio dos imigrantes, sua alteridade cultural e a estrutura fundiária na qual muitos estiveram inseridos. Ao mesmo tempo, esses imigrantes não só compuseram ondas imigratórias mais amplas na economia Atlântica, como também estiveram sujeitos às influências culturais e aparatos institucionais do país de destino, que muito lhes moldou e, principalmente, a seus descendentes.

O objetivo deste dossiê é, portanto, introduzir novos leitores à bibliografia sobre a imigração alemã no Brasil e contribuir para ela com três propostas.

A primeira é enfatizar agentes e relações históricas que receberam menor atenção da vasta e rica historiografia clássica. Embora a concepção dos núcleos rurais alemães como “quistos étnicos” tenha sido há muito superada, as lacunas ainda são grandes nas tentativas de reconstruir relações familiares, de gênero e interétnicas de múltiplas gerações de imigrantes e de seus descendentes. Particularmente disputada é a prevalência da propriedade de escravos entre imigrantes de língua alemã, sobretudo nos

---

<sup>2</sup> Dos 5.565 municípios brasileiros com IDH-M em 2010, São Leopoldo ocupava a 795ª posição. Seu IDH-M de 0,74 é igual à média do estado do Espírito Santo e pouco aquém da gaúcha (0,76) (<<http://www.atlasbrasil.org.br/>> e <<https://www.undp.org/pt/brazil/idhm-municipios-2010>>, último acesso em 17 de outubro de 2024).

núcleos coloniais, e das relações interétnicas que emergiram na sociedade escravista. Esta abordagem não implica, contudo, qualquer ruptura historiográfica. Pelo contrário: embora algumas visões clássicas tenham se mostrado datadas e outras poucas, politicamente motivadas, o panorama bibliográfico que traçamos deixa claro que este dossiê é mais um elo numa cadeia de grande continuidade. Em especial, historiadores clássicos, como Carlos Oberacker Jr., Jean Roche e Friedrich Sommer, e gigantes da etnografia brasileira, como Emílio Willems e Giralda Seyferth, nunca hesitaram em salientar o aspecto global da imigração alemã, traçar paralelos regionais e refletir sobre o papel de vários grupos étnicos na formação das identidades teuto-brasileiras e “brasileiro-alemãs”.

Analogamente, a segunda proposta é enfatizar o caráter global da imigração dos povos de língua alemã no Brasil. As histórias dos vários núcleos coloniais, das zonas de imigração e das muitas ondas imigratórias que se estenderam de 1824 a 1927 devem ser compreendidas como episódios relacionados entre si no contexto da Era das Migrações em Massa. Igualmente, estudos das políticas imigrantistas e de medidas institucionais correlatas (como a organização do trabalho não-escravo e do acesso à propriedade fundiária) têm muito a ganhar se abordados no contexto da inserção diplomática e econômica do Brasil na Primeira Onda de Globalização.

Finalmente, a terceira proposta é estimular novos estudos comparativos sobre a imigração alemã em diversas regiões brasileiras, de modo a estebelecer pontes entre duas outras orientações historiográficas. Uma delas, mais clássica, salienta as excepcionalidades das regiões brasileiras com maior prevalência de pequenas propriedades camponesas de imigrantes europeus, sobretudo no Sul do país. Esta abordagem forneceu marcos historiográficos muito úteis para o estudo da colonização estrangeira no Brasil, promovendo avanços substanciais em análises regionais e levantando hipóteses apenas recentemente testadas sobre eventos históricos que ajudam a explicar a desigualdade regional brasileira. A outra orientação historiográfica, mais recente, tem levantado evidências sobre a homogeneidade institucional a que estiveram submetidos os estrangeiros no Brasil, sobretudo no que respeita à estrutura fundiária e à prevalência do regime escravista. Esses estudos salientam tanto a consolidação de instituições brasileiras supraregionais a que os imigrantes foram submetidos,

quanto a mobilidade de estrangeiros e de seus descendentes entre províncias/estados e entre diversas categorias socioeconômicas (colonos proprietários, trabalhadores rurais, manufatureiros urbanos, sitiantes fora de núcleos coloniais etc.)

## 1. Novas tônicas e enfoques para uma rica historiografia

Todo pesquisador da história da imigração para o Brasil terá compartilhado em algum momento da informada estupefação de Giralda Seyferth (1988) a respeito da desproporção entre o número de imigrantes de língua alemã no Brasil e a produção acadêmica sobre eles – isso sem contar trabalhos memorialísticos e de genealogia. Há várias razões para a vastidão desta bibliografia: abundância de fontes primárias; existência de associações culturais que preservaram memórias de um grupo imigrante minoritário;<sup>3</sup> suas contribuições para a economia, cultura e ciência brasileiras, documentadas por observadores contemporâneos e/ou por publicações de jubileus diversos; respostas estruturadas à campanha de nacionalização da era Vargas; e, finalmente, um alto nível de capital humano, em média, o que levou à preservação de registros memoriais escritos.

Fugiria ao escopo desta introdução a tentativa de realizar um levantamento bibliográfico completo da história da imigração dos povos de língua alemã no Brasil. O público interessado encontrará em Seyferth (1988; 2002), Gertz *et al.* (2016/24), Kupfer (2021) e Witt (2022) alguns dos melhores esforços nesse sentido.<sup>4</sup> Ainda assim, de modo a situar a

<sup>3</sup> Destacam-se aqui o *Museu Histórico Visconde de São Leopoldo* (São Leopoldo); *Casa do Imigrante – Carl Weege* (Pomerode); *Museu da Família Colonial* (Blumenau); e o *Instituto Martius-Staden* (São Paulo).

<sup>4</sup> Vide também as comunicações dos *Simpósios de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul* (desde 1974) e o levantamento bibliográfico do *Anuário do Instituto Martius-Staden*. Destacam-se ainda os títulos da Editora Oikos (<https://oikoseditora.com.br/lancamentos>), especialmente os lançamentos e reedições do projeto “A caminho de 2024: migrações alemãs para o Brasil”: <https://oikoseditora.com.br/migracoes> (último acesso em 20 de novembro de 2024). Finalmente, até o fechamento desta edição, nós não conseguimos acesso aos seguintes artigos (*apud* Stein, 1960), que, no entanto, parecem-nos de interesse à história econômica: MAACK, R. Die deutsche Literatur ueber die deutsche Einwanderung und Siedlung in Sued Brasilien. In HANKE, L.; D’EÇA, R. (Orgs.). *Handbook of Latin American Studies*, v. 5, p. 399-417. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1938; e MARCHANT, A. N. de A. Writings in English, French, Italian and Portuguese concerning the German colonies in Southern Brazil. In HANKE, L.; D’EÇA, R. (Orgs.). *Handbook of Latin American Studies*, v. 5, p. 418-431, 1938. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1938.



contribuição do dossiê, esta seção fornece um esboço da evolução bibliográfica sobre a imigração e influência de alemães, suíços e austríacos no Brasil, focando-se em trabalhos de interesse mais imediato à história econômica e referindo-se tangencialmente a trabalhos em história social, política, regional e educacional sempre que conectados mais diretamente àquela.

A “pré-história” da bibliografia sobre os povos de língua alemã no Brasil compõe-se de relatos sobre a América Portuguesa publicados nos Estados Alemães. Desde as conquistas Ibéricas, emergiu na Europa Central um profundo interesse pelo Novo Mundo, como se vê na gênese desta literatura, com a descrição de Hans Staden (1557). Essa literatura descritiva do Além-Mar fortaleceu-se nos séculos XVII e XVIII, para o quê contribuíram as conquistas neerlandesas na América Portuguesa e a expansão do mercado livreiro na Europa (Zantop, 1997). O leitor interessado nessas perspectivas centro-europeias sobre América Portuguesa encontrará em Domschke *et al.* (2001) um de seus levantamentos mais completos.

No século XIX, a natureza dessa produção bibliográfica alterou-se substancialmente. Primeiro, pela popularização das descrições de viagem e expedições científicas na América do Sul – incluindo, dentre muitas outras, as de Alexander von Humboldt na América Espanhola, das Expedições Austríacas (inclusive de Carl F. P. von Martius e Johann B. von Spix), do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e de Georg H. von Langsdorff, na América Portuguesa / Brasil (Zantop, 1997; Lisboa, 2008; 2013; Finger; Kathöfer; Larkosh, 2015; Kupfer, 2021, p. 262-265). Em segundo lugar, pela mudança da posição relativa dos Estados Alemães frente ao território brasileiro após a Abertura dos Portos, com a intensificação de atividades comerciais bilaterais, instalação de companhias mercantis nos portos brasileiros e fundação das primeiras colônias rurais, privadas e públicas (Oberacker Jr, [1960] 2004; Lenz, 2008).

As missões do Major von Schäffer, que deram origem às Colônias de São Leopoldo, Três Forquilhas, Torres e São João (RS), Rio Negro (atual PR) e Santo Amaro (SP), iniciaram uma nova era naquela produção bibliográfica: a da informação e propaganda (positiva ou negativa) sobre o Brasil como *destino* para *imigrantes* (Roche, 1968; 1969; Oberacker Jr., 1975; Hunsche, 1975; 1977; Mügge, 2022).

Essa literatura informativa e/ou propagandística pode ser subdividida em três grandes grupos. O primeiro inclui obras de natureza oficial ou semioficial, com descrições das condições de vida e trabalho no Brasil, que visavam a convencer autoridades europeias do baixo risco do país para os imigrantes, apesar da escravidão africana e carência de liberdade religiosa. O próprio Major Schäffer publicou um livro sobre o Brasil “como império independente” (1824). Além disso, é possível encontrar relatos de ex-oficiais e soldados mercenários (entre eles Schlichthorst, 1829; Kerst, 1832; Seidler, 1835; Bösche, 1836) e memorandos oficiais e oficiosos publicados por autoridades diplomáticas brasileiras e europeias desde pelo menos a década de 1820.<sup>5</sup> No entanto, essas publicações tornaram-se mais elaboradas e frequentes a partir de 1840. A obra possivelmente mais influente foi a “Memória sobre os meios de promover a colonização”, de Miguel Calmon du Pin e Almeida, o Visconde de Abrantes (1846). Outros exemplos incluem memórias sobre províncias e núcleos coloniais. Essas notas oficiosas têm caráter informacional semelhante às comunicações diplomáticas, mas já se encaminham na direção da propaganda pró-imigração.<sup>6</sup> O segundo grupo inclui artigos e editoriais publicados nos jornais de emigração, que se tornaram lugar-comum nos Estados Alemães e na Confederação Helvética a partir da década de 1840. Incluem-se aqui periódicos de grande circulação, como o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* (alemão) e o *Der Colonist* (suíço).<sup>7</sup> Hoje fontes primárias essenciais, esses periódicos traziam informações detalhadas – embora, na maioria dos casos, propagandísticas – sobre os destinos de emigração. Papel predominante tinham as cartas enviadas por imigrantes a parentes e conterrâneos, publicados nestes periódicos (Alves, 2006; Silva Ferreira, 2024). Finalmente, o terceiro grupo inclui publicações dos próprios imigrantes. Indisputavelmente, a obra mais conhecida é a de Thomas Davatz (1858)

<sup>5</sup> Poderiam ser incluídos aqui também os apontamentos de Freyreiss (1824) e, em sentido mais amplo, toda a produção científico-tecnológica do Barão von Eschwege (vide Kupfer, 2021).

<sup>6</sup> São exemplares: “Comunicações concernentes à colônia alemã Dona Francisca [... em] Sta. Catharina” (1852) (vide Silva Ferreira, 2024); as publicações de Hermann Blumenau sobre a colonização privada e os livros de Gustav e Therese Stutzer (sobre os últimos, vide Lisboa, 2024); os trabalhos de Ottokar Dörffel e Carl von Koseritz; o libelo “A Colônia Senador Vergueiro”, de Charles Perret-Gentil (vide Heflinger Jr., 2009, p. 30-31, 34-41; Witzel de Souza, 2019, p. 103-104); e o controverso livro “O que Jorge conta sobre o Brasil” ([1863] 1966; a respeito, vide Witter, 1969).

<sup>7</sup> Edições digitalizadas, respectivamente, em <<https://zs.thulb.uni-jena.de> e <http://kbaargau.visual-library.de>> (último acesso em 20 de novembro de 2024).

sobre a *Revolta dos Parceiros* na fazenda Ibicaba e sua descrição das condições de vida e trabalho na lavoura paulista. Sua caracterização por Sérgio Buarque de Holanda como “livro de partido, mas também de boa fé” (1941, p. 35), reflete a natureza dessas publicações, de maneira mais geral: já não se tratam de memórias privadas, ou de missivas para um círculo fechado de amigos e parentes, e menos ainda do olhar maravilhado dos viajantes, mas de relatos em primeira mão de alemães, suíços e austríacos que tinham por meta radicar-se permanentemente no Brasil (Martins; Cohen, 2000; Cohen, 2001; Schallenmüller, 2021).

Esses trabalhos, cobrindo, de modo geral, as décadas de 1820 a 1860, encaravam a migração internacional como uma questão prática, envolvendo desde os imigrantes propriamente até engajadores, diretores de colônia, empregadores e reguladores políticos. A partir de fins da década de 1850 e, principalmente, na década de 1860, consolida-se uma literatura mais analítica. Robert C. Avé-Lallemant e Johann J. von Tschudi são marcos dessa mudança. Por um lado, esses autores ainda estavam perfeitamente alinhados com a produção bibliográfica da época, tanto por enquadrarem-se na literatura de viagens, quanto por tratarem dos aspectos político-diplomáticos da imigração. Por outro lado, exatamente por terem unificado esses dois gêneros, Avé-Lallemant e von Tschudi inauguraram uma nova etapa na produção bibliográfica sobre os povos de língua alemã no Brasil. Tratam-se de trabalhos cada vez mais analíticos, buscando fornecer panoramas objetivos e menos de “partido” ou “facção” (vide ainda Dreher, 2012).

Essa orientação crescentemente analítica ganhou corpo com a transformação do Brasil em objeto de interesse científico de geógrafos e historiadores alemães, sobretudo em fins do século XIX, no período de expansão da academia alemã e coleta sistemática de dados que informassem seu reposicionamento geopolítico, sobretudo na constituição de zonas de influência por meio da colonização informal.<sup>8</sup> Para o caso brasileiro, destaca-se neste período a liderança acadêmica de Johann E. Wappäus (1871) e as contribuições de Gottfried H. Handellmann (1860)<sup>9</sup>, Adalbert Jahn (1874), Henry Lange ([1882] 1885), Wilhelm Breitenbach (1887a; 1887b) e Karl Kaerger ([1889] 1892); obras de divulgação das “terras e

<sup>8</sup> Para uma revisão crítica e rejeição dessa tese, vide Willems (1942, especialmente p. 73 ff.)

<sup>9</sup> Obra dedicada ao Príncipe Adalberto da Prússia, que já em 1857 publicara o relato de sua viagem ao Brasil.



gentes” do Brasil, como, por exemplo, Oscar Canstaat (1877), Alfred Sellin (1885),<sup>10</sup> Moritz Schanz (1893) e Moritz Lamberg (1899);<sup>11</sup> e de propaganda do Império do Brasil, como na Exposição Universal de Viena (Brasil, 1873).

Observa-se na bibliografia sobre a imigração dos povos de língua alemã no Brasil, portanto, a mesma tendência que Bruno Witzel de Souza e Leonardo Santin Gardenal (2021, p. 20-21) identificaram na literatura sobre arranjos contratuais e relações trabalhistas durante a transição da escravidão.<sup>12</sup> O paralelo não surpreende, afinal alemães e suíços figuraram entre os principais trabalhadores sob o regime de parceria. No caso da literatura sobre a imigração, o que se vê é a gradual profissionalização científica desde a segunda metade do século XIX, transformando problemas de ordem prática em questões cada vez mais abstratas. O problema da imigração deixa de ser “para onde ir” e “o que levar nas malas” e passa a ser, gradualmente, “quem foram os imigrantes”, “por que vieram” e “o que trouxeram, não apenas nas malas, mas incorporados em si, como cultura e instituições”? O problema da colonização deixa de ser “como rotar a mata e o quê plantar, quando” e passa a ser, gradualmente, “qual a origem e evolução da colônia” e “quais seus impactos nas regiões onde se estabeleceram”?

Essa tendência à problematização acadêmica e sua separação de questões práticas consolidou-se, de maneira natural, com o fim da Era das Migrações em Massa. Naquele momento, a imigração alemã já era centenária e tornou-se objeto de pesquisa de duas linhas historiográficas. A primeira, de caráter cronista, objetiva preservar as identidades de um grupo etnolinguístico minoritário e descrever suas características.<sup>13</sup> A segunda, de caráter analítico, intenciona compreender as ondas migratórias para o Brasil a partir de temas mais amplos, como a transição da escravidão.

---

<sup>10</sup> Livro traduzido e editado para o português por Capistrano de Abreu, em 1888.

<sup>11</sup> Atente-se, inclusive, para a similitude dos títulos dos livros de Canstaat, Lamberg e Schanz.

<sup>12</sup> Para uma visão geral desta tendência, vide Stein (1960), que trabalha a temática da imigração nas páginas 260-265.

<sup>13</sup> Salientamos que a denominação “cronista” é puramente descritiva: de modo algum intencionamos diminuir a importância desta historiografia *vis-à-vis* àquela que chamamos de “analítica”. A diferença entre elas é de objetivos, não de qualidade.

Carlos Oberacker Jr. ([1960] 2004; 1967; 1968; 1975) e Carlos Fouquet (1974) estão os grandes expoentes da historiografia cronista, cujo objetivo principal foi coletar, sistematizar e resguardar a memória coletiva dos povos de língua alemã no Brasil. Ramos desta literatura, com origens mais ou menos independentes entre si, focaram-se nas comunidades de língua alemã em regiões específicas, sobretudo no Sul (Ficker, 1965; Roche, 1969;<sup>14</sup> Müller, 1984; Gertz, 1996; Hunsche; Astolfi, 2004) e Sudeste (em especial, Sommer, 1945).

Em grande medida, essa literatura memorialista deu continuidade e profissionalizou a tradição de publicação de artigos sobre a história dos alemães em almanaques, panfletos literários e jornais de língua alemã no Brasil.<sup>15</sup> Tornando-se guardião das memórias de um grupo, ela se focou na “[c]ontribuição teuta à formação da nação brasileira”, conforme o descreve o próprio título da obra de fôlego de Oberacker Jr. (1968). Esses autores e seus seguidores oscilaram entre estudos biográficos de grandes personalidades alemãs e austríacas radicadas no Brasil; micro-histórias de regiões colonizadas por imigrantes de língua alemã; e grandes narrativas de longa duração, focadas na continuidade da imigração alemã para o Brasil (vide ainda Bolle; Kupfer, 2013).

A outra linha historiográfica buscou compreender os processos históricos amplos nos quais se inseriram os episódios migratórios dos povos de língua alemã no Brasil.<sup>16</sup> De acordo com esta perspectiva, a fundação de núcleos coloniais deveria ser estudada à luz das políticas fundiárias do

<sup>14</sup> Vide ainda o trabalho do autor sobre a colonização alemã no ES (1968).

<sup>15</sup> Publicações comemorativas foram lugar-comum nas comunidades alemãs no Brasil. Além da miríade de publicações do primeiro centenário da imigração (vide, por exemplo, Associação das Sociedades Alemãs, 1924; Dedekind, 1924; *Festschrift*, 1924; Niederhut, 1924; Schäffer, 1924; Dreher; Mügge, 2023), têm-se panfletos relacionados a jubileus de diversas associações e firmas. Outro tipo de publicação, de circulação mais ampla, foram os almanaques, com ênfase para o Rortmund e o Uhle (Neumann, 2010). Uma terceira categoria inclui artigos históricos publicados em jornais de comunidades alemãs no Brasil. Nesse quesito, vide a produção de e sobre Karl von Koseritz (Gertz, 1999; Grützmann, 2007; 2000; 2017; Weizenmann, 2015), o projeto *DPB.Digital – Imprensa de Língua Alemã no Brasil* (<<https://dokumente.ufpr.br/pt-br/dbpdigital.html>>) e jornais de língua alemã na *Biblioteca Digital da UNESP*: <<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/communities/69eaa2e-c665-49f6-8908-450413e9a28b>>. Finalmente, uma fonte ainda praticamente inexplorada em história econômica são as obras literárias de autores/as nas colônias de língua alemã. A respeito, vide Neumann (2003; 2017) e o grupo de pesquisa *Relações Linguísticas e Literárias Brasil – Países de Língua Alemã* (<<https://www.rellibra.com.br/>>). (Último acesso às páginas referidas em 20 de novembro de 2024).

<sup>16</sup> Para uma abordagem sociológica recente, vide Monsma (2022).

Império e da I República; e a contratação de alemães e suíços para a grande lavoura, no contexto da transição da escravidão.<sup>17</sup>

As linhas gerais dessa proposta acadêmica já se encontravam delineadas no preâmbulo da primeira tradução para o português do livro de Davatz, quando Rubens B. de Moraes (1941, p. 1) criticou: “[o] que se tem escrito até agora não passa de narração. Não se estudou ainda o aspecto social e econômico do acontecimento de maior importância na história paulista [*i.e.* a imigração]”. Para remediar a situação, far-se-ia necessário – e o prefácio de Sérgio Buarque de Holanda fê-lo brilhantemente – diferenciar colonos campesinos de trabalhadores agrícolas. As pesquisas das duas décadas subsequentes levaram, então, ao cânone da *História Geral da Civilização Brasileira* (Tomo II, Volume 5), na qual, de um lado, Carlos Oberacker Jr. ([1960] 2004) e Frank Goldman ([1960] 2004) enfatizaram os núcleos coloniais públicos e privados de alemães e norte-americanos; e, de outro, Emília Viotti da Costa ([1960] 2004) e Sérgio Buarque de Holanda ([1960] 2004)<sup>18</sup> focaram-se nos trabalhadores estrangeiros, sobretudo de língua alemã, como parte da transição da escravidão.<sup>19</sup>

Esta abordagem garantiu um papel de preeminência, na história econômica, à presença alemã entre os trabalhadores não-cativos na cafeicultura, sobretudo paulista. Portanto, a história do trabalho livre no Brasil passou a abordar, necessariamente, os episódios da imigração alemã e suíça durante a transição da escravidão, com análises de contratos, relações trabalhistas e mudanças institucionais desde meados do século XIX (Dean, 1977; Witter, 1982; Stolcke; Hall, 1983; Lamounier, 1986; Viotti da Costa, 1998, Corrêa do Lago, 2014). A abundância de fontes e a própria publicação de Davatz forneceram motivação e material empírico para essas pesquisas. O tema, hoje clássico, foi reavivado pelos documentos primários inéditos publicados por José Eduardo Heflinger Jr. (em especial 2007; 2009), que ensejaram releituras daqueles episódios e a possibilidade

<sup>17</sup> Essa esquematização deve, necessariamente, ser complementada pelos trabalhos de Etnologia e Antropologia de alemães e sobre alemães no Brasil, sobretudo os de Egon Schaden, Emílio Willems e Giralda Seyferth.

<sup>18</sup> O capítulo de Buarque de Holanda ([1960] 2004) baseia-se em larga medida no prefácio de 1941.

<sup>19</sup> Paula Beiguelman, Theresa S. Petrone e Octavio Ianni também poderiam ser listados no segundo grupo, embora a primeira tenha se focado nos aspectos políticos da transição e os dois últimos, na migração em massa.

de testar empiricamente algumas proposições da literatura clássica (Witzel de Souza, 2012; 2024; Gonçalves, 2014; 2017; Nogueról, 2016). Finalmente, ao criarem o primeiro arquivo histórico na fazenda Ibicaba, Bruno Witzel de Souza e Leonardo Santin Gardenal forneceram vasta (e ainda praticamente inexplorada) fonte de microdados para o estudo da imigração, inclusive alemã e suíça, e das condições de vida e trabalho no Brasil.<sup>20</sup>

Outra linha de pesquisa com longa tradição na história econômica – e cujas origens acadêmicas podem ser traçadas também ao prefácio de Buarque de Holanda – é a da relação entre imigração alemã e industrialização. Sua vertente mais antiga aborda o impacto que a imigração de alemães e suíços teve na diversificação estrutural da economia brasileira, principalmente na introdução de proto-indústrias e adensamento da produção manufatureira nas regiões de colonização (Mamigonian, 1965; Hering, 1987; Argollo Ferrão, 1999; Tramontini, 2000; Bender, 2007; Witt, 2014).<sup>21</sup> Outra vertente aborda a influência que o capital mercantil, industrial e financeiro alemão tiveram no Brasil durante o Novo Imperialismo, sobretudo em competição com o capital britânico. Destacam-se aqui os estudos sobre a influência do capital alemão na importação de novas tecnologias para o Brasil (Marson, 2012; Assis; Marson, 2020); a presença de firmas alemãs entre as companhias de navegação, agenciamento de imigrantes e exportação de café (Lenz, 2008; Bosenbecker; Monsma, 2018; Silva Ferreira, 2020; Pereira da Silva, 2023); e os reposicionamentos diplomáticos resultantes do avanço da presença alemã no comércio brasileiro até 1942 (Bruzzi Curi; Lima; Pereira, 2019; Pons Agnelli, 2023).<sup>22</sup> Finalmente, relacionada a estes debates está a literatura recente sobre a influência do pensamento alemão na industrialização brasileira. Destacam-se aqui os trabalhos de Luiz Bruzzi Curi, principalmente o livro “*Nationalökonomie nos trópicos – Pensamento econômico alemão no Brasil (1889-1945)*”, que analisa a influência da Escola Historicista Alemã sobre o pensamento econômico brasileiro desde pelo menos o Encilhamento.

<sup>20</sup> O acervo digital do projeto “*Labor, livelihood, and immigration in a Brazilian plantation: the archives of Ibicaba farm*” está disponível em <<https://meap.library.ucla.edu/projects/ibicaba-farm/>> (último acesso em 20 de novembro de 2024).

<sup>21</sup> Vide ainda os trabalhos publicados nos *Anuários do Instituto Martius-Staden* (Kupfer, 2021).

<sup>22</sup> Para uma abordagem em história política, vide Dietrich; Bisan Alves; Perazzo; Tucci Carneiro (1997), Perazzo (1999), Dietrich (2007) e Bovo (2019), além dos clássicos de Gertz (1987; 1998) e Dietrich; Alves (1997).

Finalmente, os povos de língua alemã e seus descendentes figuram destacadamente na literatura que avalia os diferenciais de renda e desenvolvimento humano no Brasil. Karl Monsma (2010) está entre os pioneiros na quantificação da performance socioeconômica de diferentes grupos etnolinguísticos. Utilizando microdados do censo municipal de São Carlos (SP) de 1907, o autor demonstrou que grupos imigratórios mais antigos no Oeste Velho de São Paulo – portugueses e alemães – tinham maior probabilidade de tornarem-se proprietários de terra (p. 524-525). André Lanza (2021a, p. 149-156; 2021b) chegou a conclusões semelhantes para o estado de São Paulo como um todo, em 1905 e 1920. Já Leonardo Monasterio tem usado microdados para traçar a performance socioeconômica de indivíduos de diversas origens ancestrais, sobretudo na população sul-riograndense. Monasterio e Lopes (2018), Ehrl e Monasterio (2020), e Lopes, Silva Filho e Monasterio (2024) confirmam a performance comparativamente alta de descendentes de alemães em indicadores de renda e desenvolvimento humano, a maioria atribuível à persistência intergeracional de um elevado nível de capital humano. Renato Colistete (2016, p. 107-112, 230-241; 2019), por sua vez, estabeleceu uma sólida ponte entre a vasta história da educação no Brasil e a imigração.<sup>23</sup> Trabalhos subsequentes salientaram a relação positiva e persistente, no longo-prazo, entre imigração, acumulação de capital humano e indicadores de renda e saúde (Carvalho Filho; Colistete, 2010; Stolz; Baten; Botelho, 2013; Rocha; Ferraz; Soares, 2017).<sup>24</sup> Carvalho Filho e Monasterio (2012) salientam, inclusive, que a proximidade geográfica com as colônias alemãs do Rio Grande do Sul está associada a um nível menor de desigualdade de renda. Finalmente, Witzel de Souza (2018) mostrou que as escolas alemãs em São Paulo tiveram um impacto positivo de médio-prazo, mas que a persistência educacional de longo-prazo se deu apenas indiretamente, por meio escolarização pública.

<sup>23</sup> A história da educação alemã e suíça no Brasil é imensa (vide Kreutz, 1994; Bezerra, 2007). Em linhas gerais, esta literatura divide-se em estudos monográficos de escolas associativas (*e.g.* Grininger, 1991; Bezerra, 2001; Silva Varolo; Ribeiro; Félix, 2015); e a relação entre nativismo, nacionalismo e educação estrangeira (*e.g.* Santos Nobre, 2004; Arendt, 2008). Relacionados a elas estão estudos monográficos das comunidades de língua alemã sob uma abordagem regionalista (*e.g.* Zenna, 1950; Karastojanov, 1998; Siriani, 2003).

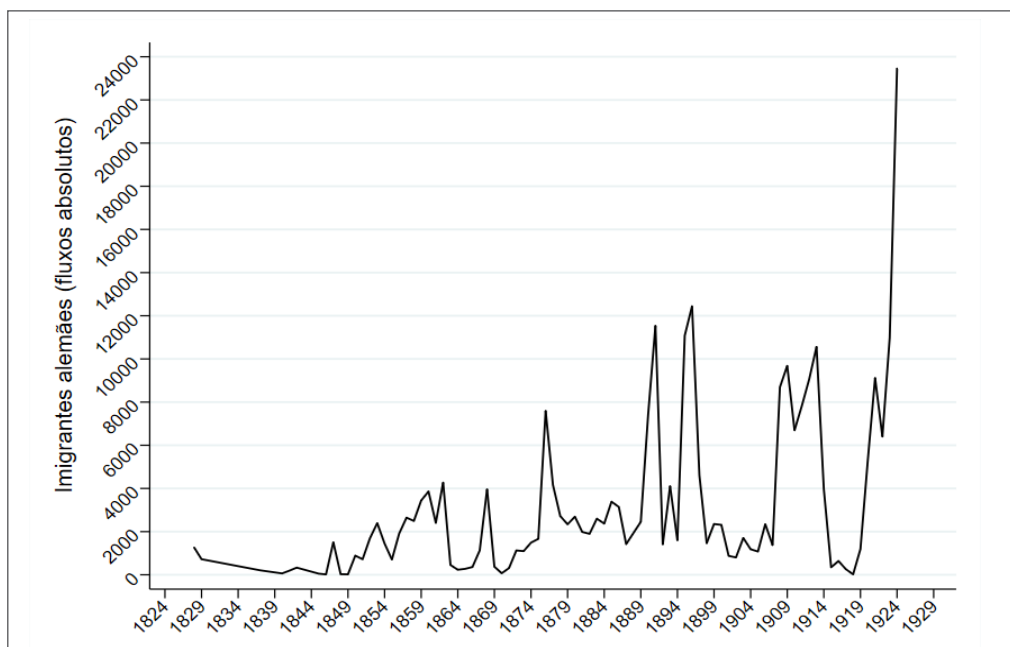
<sup>24</sup> Musacchio; Fritscher; Viarengo (2014), contudo, não encontraram qualquer efeito da imigração em si.



## 2. O aspecto global da imigração dos povos de língua alemã no Brasil

A Figura 01 fornece uma estimativa dos fluxos imigratórios dos povos de língua alemã no Brasil entre 1824 e 1929/30, a partir dos dados de Willcox e Ferenczi (1929). Essa fonte certamente subestima o número de alemães no Brasil; é simbólico, por exemplo, que os pioneiros de São Leopoldo tenham sido classificados não como alemães, mas na categoria “*Other, including Brazilian[s]*” (p. 549, 557).<sup>25</sup> No entanto, esse viés negativo é parcialmente contrabalançado pelo fato de os fluxos serem absolutos, não descontando, portanto, a migração de retorno ou as saídas do território brasileiro. Ademais, a perspectiva de longo-prazo fornecida por esses dados permite-nos visualizar concisamente as duas principais características da imigração dos povos de língua alemã no Brasil: sua precedência histórica sobre outros europeus (excetuando-se os portugueses, obviamente) e a continuidade das ondas imigratórias por mais de um século.

**Figura 01 – Imigração alemã (1824-1929):  
Fluxos absolutos (estimativas)**



Fonte: Compilado com os dados de Willcox e Ferenczi (1929).

<sup>25</sup> Ademais, os dados são de fluxos de imigrantes, não de estoques (ou de seus descendentes) na população.

A partir das levas organizadas pelo Estado brasileiro na década de 1820, de modo quase sempre crescente, observam-se ondas imigratórias sucessivas nas décadas de 1840-1850, em meados da década de 1860, no início da década de 1870, no imediato pós-abolição, nos anos iniciais da República e na explosão imigrantista do pós-I Guerra Mundial (doravante, “GM”). Cada uma dessas ondas imigratórias está correlacionada com eventos políticos e econômicos específicos, como a expansão das colônias de parceria brasileiras nas décadas de 1840 e 1850; as agitações revolucionárias de 1848 na Europa; as Guerras de Unificação Alemã, em 1864, 1866 e 1870-1871; as políticas sociais bismarckianas visando a conter a população economicamente ativa dentro das fronteiras do Império Alemão; as políticas brasileiras de fomento à imigração; os efeitos socioeconômicos da expansão da malha ferroviária europeia e brasileira etc.

Embora cruciais para a compreensão de cada onda imigratória em particular, essas explicações episódicas não dão conta (por não ser seu objetivo fazê-lo) de duas questões estruturais: por que a imigração alemã é tão antiga? E por que ela continuou a ocorrer em ondas sucessivas por mais de um século?

Responder a estas questões requer considerar a imigração dos povos de língua alemã no Brasil no contexto da Era das Migrações em Massa (vide Seyferth, 2011, p. 353). Esta abordagem global da imigração durante a Primeira Onda de Globalização tem fornecido o fundamento conceitual para três grandes linhas historiográficas, às quais este dossiê intenciona contribuir.

A primeira é o reconhecimento intuitivo de que as ondas imigratórias foram, simultaneamente, reflexo e causa do estreitamento de mercados que caracterizou a economia Atântica entre 1850 e 1913. Na história econômica brasileira, este reconhecimento deu-se, de maneira mais ou menos implícita, nos estudos sobre a influência comercial e financeira de alemães, suíços e austríacos no país (Marson, 2012; Bruzzi Curi; Lima; Pereira, 2019; Assis; Marson, 2020; Kisling, 2020; Pereira da Silva, 2023); e, na história política e social, em estudos dos fluxos de ideias e pessoas que condicionaram as políticas imigratórias brasileiras, sobretudo nos Estados Alemães (Gonçalves, 2014; 2021; Bosenbecker; Monsma, 2018; Silva Ferreira, 2020; Mügge, 2022; Pérez Meléndez, 2024a).

A segunda abordagem resulta de uma curiosa convergência de pers-

pectivas entre historiadores e economistas. Em um ensaio seminal sobre a história da imigração, Frank Thistlethwaite salientara, já em 1960, a necessidade de “levantar os véus de sal” que obscurecem os estudos da migração entre as duas costas do Atlântico. O historiador propôs a urgência de considerar-se os aspectos multilaterais das migrações internacionais, ao invés de estudar pontualmente regiões de origem ou de destino, exclusivamente. Em paralelo, originalmente proposta por historiadores econômicos, a chamada “hipótese do ciclo de vida das migrações” (*migration life cycle hypothesis*) teve boa acolhida no círculo mais amplo da Economia das Migrações (Hatton; Williamson, 1992; 2009; Hatton, 2014). A referida hipótese é, na realidade, um modelo teórico que explica a história migratória entre duas localidades a partir de um conjunto homogêneo de variáveis demográficas e econômicas, e que segue fases claras de ascensão, maturação e declínio. Ao fim e ao cabo, a maturidade dos fluxos migratórios está necessariamente vinculada à completude da transição demográfica nas regiões de origem e à convergência na remuneração dos fatores entre as duas regiões (O’Rourke; Taylor; Williamson, 1996). Em outras palavras, os processos migratórios *são* a própria globalização – e, por conseguinte, a Era das Migrações em Massa é uma faceta da Primeira Onda de Globalização (O’Rourke; Williamson, 1999).

Finalmente, a terceira abordagem dos condicionantes globais da imigração surgiu como reação a uma tendência da historiografia que data principalmente da primeira metade do século XX. Ainda que sob orientações ideológicas e geopolíticas abissalmente distintas, o Império Alemão, a República de Weimar e o III Reich buscaram cooptar as populações de origem alemã no estrangeiro em prol de seus interesses nacionais.<sup>26</sup> Isso levou a frequentes tentativas de homogeneizar os “alemães no estrangeiro”, os assim chamados *Auslandsdeutsche*. Combinadas a um processo de assimilação natural,<sup>27</sup> essas tentativas de homogeneização – inicialmente cômicas de suas metas políticas –, vieram depois a iludir alguns trabalhos

<sup>26</sup> Processo acelerado também pelos países de destino, que visavam aculturar (não raramente, violentamente), os imigrantes no crepúsculo da Era das Migrações em Massa, com o Brasil não sendo exceção (Bisan Alves, 2006).

<sup>27</sup> Sobretudo via matrimônios fora do grupo etnolinguístico (Schaden, 1959, p. 127-128; Willems, 1941, p. 809; Machado, 1997; Nadalin, 2007); e integração natural em mercados locais, tanto pelo empobrecimento, quanto enriquecimento da comunidade imigrante (vide as análises de Willems, 1941; 1942).

acadêmicos, que sistematicamente passaram a procurar *Auslandsdeutsche* em vários cantos do mundo de acordo com os interesses políticos da nação de origem e não com as experiências dos imigrantes em si (Penny, 2012; 2022; Schulze, 2015, p. 406).

Para o estudo dos alemães no Brasil, essa tendência homogeneizadora encontrou uma barreira nos estudos regionais e/ou passou a ser radicalmente revertida pelos novos direcionamentos da *História Global*.

A grande maioria dos trabalhos acadêmicos brasileiros sempre esteve muito cônica da diversidade dos imigrantes alemães radicados no país. Esta pluralidade foi o reflexo natural de sua precedência histórica e da continuidade de seus fluxos migratórios, os quais levaram à justaposição intergeracional de alemães com identidades culturais e afinidades políticas muito diversas entre si – e cujos estranhamentos aumentaram ao longo do tempo e por motivos geopolíticos, sobretudo após a Unificação do Império Alemão e a I-GM (Willems, 1944, p. 154; 1946, p. 130-131, 267-271; Rinke, 2017, cap. 4). Ademais, a distinção entre luteranos e católicos foi sempre muito relevante nas dinâmicas intraétnicas alemãs, inclusive fora da Europa Central (o trabalho seminal para o Brasil é Dreher, 1984). No Brasil, o aspecto confessional levou a rupturas de colônias pioneiras – como Três Forquilhas e Torres, no Rio Grande do Sul, e Santo Amaro e Itapecerica, em São Paulo (Zenha, 1950; Siriani, 2003; 2005, p. 95; Witt, 2008); a espaços de convivência social distintos e a múltiplas orientações educacionais (Kreutz, 1994; 1998; 2005; Dreher, 2000; Arendt, 2008; Levien, 2011; Ramos, 2020). Igualmente importantes foram as distinções de origem. Aparte das óbvias diferenças entre alemães, de um lado, e austríacos e suíços, de outro, súditos de diversos Estados Alemães pré-1871 identificavam-se mais com suas regiões de origem que com o Império Wilhelmino, sobre o quê pesavam também variações dialetais (Altenhofen, 1996; Spinassé, 2008).<sup>28</sup>

Ademais, a *História Global* tem recentemente abordado a identidade cultural dos imigrantes para além da história política de suas regiões de origem. Para o caso dos alemães na América do Sul, é importante notar

<sup>28</sup> Vide Davatz ([1858] 1941, p. 40-59). Ao descrever a colônia, Davatz ([1858] 1941, p. 59) observou: “[...] suíços, alemães, turíngios e holsteínios (Assim distinguem entre si)” (Parênteses no original). A atitude de Davatz era, contudo, ambivalente, pois alemães e suíços foram frequentemente agrupados juntos em suas caracterizações morais, especialmente quando comparados a portugueses e brasileiros.

o pioneirismo de Walter Kamphoefner (2000). Em linha com a crítica de Thistlethwaite, seu artigo abordou a migração alemã no mundo Atlântico em perspectiva comparada, encarando a América do Sul como uma alternativa possível ao alemão da Era das Migrações em Massa. Em 2015, a revista da *German History Society* lançou o dossiê “*Germans and Brazilians*”, com a proposta de escrever uma história da imigração “desvinculada” dos projetos políticos das nações dos imigrantes (Penny, 2015).<sup>29</sup> Essa temática e sua cobertura geográfica foram expandidas por Glenn Penny no livro *German History Unbound* (2022), sob a tese de que a história dos alemães não é a história dos Estados nacionais alemães. Pelo contrário, comunidades de língua alemã fora das unidades estatais alemãs tiveram dinâmicas históricas próprias que merecem ser estudadas por si, independentemente das visões estatizantes que buscaram impor-se sobre elas *a posteriori*.<sup>30</sup>

### 3. Regionalismos na unidade institucional brasileira

As iluminuras que abrem os capítulos da visita de Johann J. von Tschudi às “Colônias de parceria” (*Parceriecolonien*, p. 220), em São Paulo, e às “Colônias” (*Colonien*, p. 337), em Santa Catarina, em 1860 e 1861, respectivamente, fornecem a ilustração ideal para a terceira proposta deste dossiê: as diferenças regionais nas políticas de imigração e colonização foram substanciais, mas, ao mesmo tempo, existe um profundo substrato institucional que as unifica.

<sup>29</sup> Cassidy estuda a retórica do *ethos* do trabalho alemão como oposto à indolência de brasileiros e portugueses sob a influência do regime escravista. Schulze e Goodman avaliam as continuidades e rupturas no conceito de “alemão no estrangeiro” depois da I-GM e II-GM em artigos que mostram as tentativas de diversos governos alemães de cooptar instituições fundadas por imigrantes. Frotscher avalia a transposição não apenas da “Germanidade” entre imigrantes, mas da própria identidade de “colonos” ao estudar refugiados Suábios do Danúbio estabelecidos em Entre Rios (PR) no pós-II-GM. Traçando um esboço biográfico de Hermann von Ihering, Ritz-Deutch mostra as mudanças institucionais pelas quais passou a visão sobre os estrangeiros no Brasil até a I República.

<sup>30</sup> Para um conceito precursor semelhante, vide Willems (1942, p. 74, 77-78) e Schaden (1959). Em continuidade, vide Guenther (2024) e Pérez Meléndez (2024b).





As personagens dessas duas iluminuras são fundamentalmente as mesmas e não se distinguem por posição econômica ou status social. Barbado e de chapéu, com calças listradas e larga camisa de serviço, o chefe de família tem feições semelhantes, embora esteja descalço na Colônia de Parceria. A mulher tem posição ativa no trabalho, mas, está curvada ao pai de família (vide Lisboa, 2024); seu avental branco é símbolo de trabalho: em Santa Catarina, como lavadeira; em São Paulo, como receptáculo do café. O *leitmotiv* das imagens, no entanto, difere substancialmente. Em Santa Catarina, o foco está na exuberância quase opressiva da mata ao redor da casa do colono, que, de madeira e taipa, é um símbolo de sua gradual conquista do ambiente. Ali, o homem carrega ao ombro o machado, que lhe permite domar o meio; a mulher executa as tarefas domésticas; e o filho, virado para o pai, apoia-se numa espingarda, para caça ou proteção no meio “selvagem” da *Urwald* (vide Relly, 2024). Em São Paulo, o foco de todas as personagens está no cafeeiro – representado mais como árvore que como arbusto –, para o qual todas as figuras se voltam. Não sendo símbolo da conquista do imigrante, a casa do teuto-paulista na fazenda está em segundo plano e, embora a imagem não o permita dizer com certeza, parece mais simples. Finalmente, diferentemente da família nuclear teuto-catarinense, tem-se na representação paulista uma família estendida.

Conforme visto na Seção I, a maior parte da literatura prática sobre a imigração no século XIX focou-se na primeira parte desta discussão: na similitude das famílias que buscavam novos destinos no estrangeiro. Já a literatura acadêmica que se seguiu, principalmente a partir da década de 1940, focou-se nas diferenças entre as regiões nas quais essas famílias se radicaram.

Inquestionavelmente, a distinção Sul-Sudeste no que concerne à imigração, principalmente à alemã, é historicamente correta. Seyferth (2011) mostra que as colônias vistas das linhas de uma picada eram completamente distintas daquelas observadas desde as ruas de um cafezal. Ademais, a abordagem regional forneceu sólido arcabouço conceitual para a história dos núcleos coloniais, dos bairros rurais e das aglomerações imigrantes no meio urbano, assim como das diversas associações fundadas por imigrantes nessas localidades. Finalmente, a distinção da política imigratória entre Sul e Sudeste levantou hipóteses apenas recentemente testadas sobre desigualdades regionais no Brasil. Não é exagerado dizer que toda a literatura recente a respeito do binômio imigração e desenvolvimento no Brasil faz uso das categorias propostas pela literatura clássica ou parte de premissas semelhantes sobre imigrantes em diversas regiões brasileiras.

Essas contribuições à parte, trabalhos recentes sobre a prevalência do regime escravista, organização do trabalho livre e estrutura fundiária têm revelado importantes similitudes nas experiências de imigrantes de língua alemã em diversas regiões brasileiras, sobretudo no Sul-Sudeste. Tais similitudes regionais explicam-se, primeiro, pela consolidação de instituições supra-regionais no Brasil independente, às quais os imigrantes foram submetidos (Willems, 1941, p. 809; Dreher, 1999; 2024; Tramontini, 2000; Christillino, 2004; Gans, 2004). Essa literatura salienta o impacto da escravidão e do latifúndio sobre as experiências de estrangeiros em diversas regiões brasileiras, inclusive naquelas geralmente caracterizadas como “imunes” a essas instituições e seus efeitos deletérios (Magalhães, 2003; Staudt Moreira; Mügge, 2014; Mota, 2021; Mügge, 2022). O espraiamento amplo dessas instituições, por sua vez, explica-se pelos interesses político-econômicos e pelas redes de compadrio estabelecidas entre as elites provinciais brasileiras, sobretudo em suas conexões diretas com o comércio internacional e, em diversos casos, com o próprio negócio da migração

internacional (Seyferth, 2011, p. 352;<sup>31</sup> Silva Ferreira, 2019; 2020; Gonçalves, 2021; Gregory, 2024; Pérez Meléndez, 2024a; Lima, 2024; Kisling, 2024). Em segundo lugar, tem ficado cada vez mais claro para a literatura acadêmica um fato que parece ter sido óbvio à experiência dos imigrantes: sua grande mobilidade espacial dentro do território brasileiro e, eventualmente, socioeconômica em seus ciclos de vida (Willems, 1941, p. 802-803; Siriani, 2005; Witzel de Souza, 2021; Biehl; Mügge, 2022; Lisboa, 2024).

A prevalência e extensão do regime escravista nas colônias de imigrantes alemães foi sempre motivo de intensos debates, tanto práticos – desde as legislações e manifestos de fundação de colônias no Rio Grande do Sul e Santa Catarina –, quanto acadêmicos (para uma revisão, vide Cassidy, 2015; Monsma; Witt, 2024). No entanto, foi a partir dos anos 2000 que os temas da presença de escravos nas colônias alemãs e das relações interétnicas entre imigrantes de língua alemã, teuto-brasileiros e negros recebeu enfoque mais aprofundado, consolidando o que se pode mesmo chamar de *Escola de UNISINOS*, dada a centralidade desta linha de pesquisa naquela instituição. Suas conclusões incontestes são de que o regime escravista teve um papel central na economia das colônias alemãs e de que os negros radicados nelas também tiveram uma influência socio-cultural substancial (Schefer Cardoso, 2005; Staudt Moreira; Mügge, 2014; Witt, 2014; Oliveira, 2018). Portanto, em linha com as conclusões de Cassidy (2015), a separação férrea entre *Deutschtum*, de um lado, e escravidão, de outro, sempre foi muito mais retórica que real.

Consequentemente, a concentração de renda e riqueza que caracterizam economias escravistas encontrou eco, mesmo que parcial, também nas colônias de imigrantes. Se, por um lado, a maior igualdade fundiária *dentro* das colônias no Sul do Brasil conduziu a um nível mais elevado de desenvolvimento no longo-prazo (Carvalho Filho; Monasterio, 2012; Stolz; Baten; Botelho, 2013), por outro, o nível geral de desigualdade não foi necessariamente afetado pela imigração. Silva Ferreira (2019) demonstrou que a concentração fundiária era exatamente tão alta em Santa Catarina – província por excelência da colonização alemã privada –, quanto em São Paulo em 1920 (Ginis de 0,77), e que, interessantemente, a concentração era ainda mais elevada no Rio Grande do Sul (0,80) e Pa-

<sup>31</sup> Para o caso mineiro, vide especialmente Seyferth (2011, p. 366-367, 375-376).

raná (0,81);<sup>32</sup> de todos os estados com substancial colonização alemã, apenas o Espírito Santo fornece um exemplo de sucesso no que concerne à pequena propriedade (0,57). De modo análogo, Lanza (2021a) demonstrou que o nível de desigualdade no acesso à terra entre estrangeiros em São Paulo tendia a ser maior, em média, que entre brasileiros, em 1905 e 1920. Ademais, nas duas primeiras décadas do século XX, alemães e austríacos tinham propriedades médias de 40 alqueires, correspondente a praticamente o dobro daquelas dos italianos (Lanza, 2021a, p. 153).

#### 4. Entre regionalismos, nacionalismos e globalização

Os artigos desse dossiê navegam, em suma, por um vasto mar de tinta, pontuado por ondas (às vezes tempestuosas) de regionalismos, nacionalismos e globalização.

A coleção é iniciada com o ensaio de Jack Guenther, que analisa as implicações que uma abordagem de “história desvinculada” de interesses nacionais têm para o futuro da historiografia da imigração, na Alemanha e no Brasil. Bastante relevante para uma reconceituação econômica dos processos migratórios, o ensaio avalia: (i) o conceito de nação e nacionalidade entre os imigrantes; (ii) o comércio internacional e sua relação com o conceito de nação; e (iii) o poder estatal e sua influência sobre o conceito de nação e comércio internacional.

Os artigos de Wilfried Kisling e de André N. Lima avançam essas abordagens globais.

Wilfried Kisling estuda a centralidade que o capital comercial e financeiro alemão tiveram na consolidação da posição brasileira no mercado mundial de café durante a *Belle Époque*. Ao analisar a inserção de mercado e as estratégias de longo-prazo da *Theodor Wille & Co.* e do *Brasilianische Bank für Deutschland*, seu artigo demonstra a ferrenha competição por mercados entre a Alemanha e a Inglaterra na Era dos Impérios.

O artigo de André N. Lima, por sua vez, foca-se na maneira pela qual essas conexões comerciais reforçaram as instituições escravistas no

---

<sup>32</sup> Willems (1946, p. 108-110) observa que a fundação de várias colônias privadas no RS em meados do século XIX resultou do loteamento de sesmarias incompatíveis com o latifúndio escravista. Traçar os paralelos desses processos com os das colônias oficiais de São Paulo no século XX parecem-nos uma linha de pesquisa promissora (tal qual intuído por Willems, 1941, nota de rodapé 1).



Brasil, inclusive de maneira ilegal. Salientando que o estudo de caso não foi exceção, mas a regra, o artigo aborda as redes domésticas e globais estabelecidas pelo comerciante suíço-alemão Rodolpho Wursten, figura central no comércio internacional do café de Santos e ilustrativa das conexões entre comércio internacional e emprego ilegal de escravizados.

Já o artigo de José Juan Pérez Meléndez volta-se para os interesses nacionais prussianos e alemães de modo a demonstrar o caráter global da imigração alemã para o Brasil. Embora o artigo não negue a importância de eventos domésticos brasileiros, sua tese central é de que o *Rescrito de Heydt* foi fruto principalmente do reposicionamento prussiano e, posteriormente, alemão, em uma geopolítica crescentemente instável. Ao limitar o mercado de empregadores, o artigo argui que o *Rescrito* teve papel central na subsequente consolidação das gigantes *Hamburg-Amerikanische Packetfahrt Actiengesellschaft* e da *Norddeutscher Lloyd*.

De modo semelhante, Eduardo Relly estuda as conexões entre o global e o local a partir da universalidade e circulação transnacional de certas tecnologias rurais, incluindo o uso do fogo na agricultura de subsistência em regiões tão diversas quanto o Brasil meridional, as fronteiras agrícolas norte-americanas no século XIX e o leste Europeu colonizado por imigrantes de língua alemã. Seu artigo demonstra tanto a indigeneidade de algumas dessas práticas, quanto a transmissão, entre países, de informações e tecnologias incorporadas à cultura dos imigrantes.

O artigo de Karen Lisboa aprofunda o estudo das conexões regionais no Brasil, ao mesmo tempo em que desvincula a história *das* imigrantes de suas respectivas histórias nacionais e de visões puramente masculinas. Seu artigo aborda o papel das mulheres na imigração alemã para o Brasil, ressaltando a importância das relações de gênero nas múltiplas identidades imigrantes dos séculos XIX e XX. Lisboa traça os perfis biográficos de Ina von Binzer, Therese Stutzer e Emilie Heinrichs, mulheres que tiveram experiências de vida e trabalho as mais variadas no Brasil – desde preceptora nas zonas cafeeiras, como imigrante solteira, até posições de liderança comunitária e/ou esposas na fronteira da colônia imigrante.

Essa abordagem regional é estendida em dois estudos comparativos entre províncias brasileiras.

Karl Monsma e Marcos Witt demonstram que a escravidão foi onipresente no cotidiano de imigrantes alemães, tanto no Rio Grande do Sul,



quanto em São Paulo. O artigo enfatiza que embora os contatos interétnicos e com a escravidão variassem de acordo com a posição econômica e status social dos imigrantes, a posse de escravos estava imbricada à ascensão socioeconômica também dos alemães, independentemente da província – resultado demonstrado igualmente por Lima para as colônias Leopoldina (BA) e Nova Friburgo (RJ).<sup>33</sup>

Finalmente, avançando uma linha de pesquisa iniciada pelo autor anteriormente (Silva Ferreira, 2019; 2024), Luiz M. da Silva Ferreira demonstra a prevalência de regimes trabalhistas muito semelhantes entre imigrantes de língua alemã nas regiões de colonização oficial e na lavoura cafeeira. Seu artigo desnuda um mercado de trabalho bastante integrado, tanto pelos instrumentos contratuais utilizados em diversas regiões do país, quanto pela mobilidade dos estrangeiros e de seus descendentes entre as províncias brasileiras – no caso, para Santa Catarina, Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro.

Em conjunto, essa coleção de oito artigos dá mostras do complexo quadro da imigração alemã, suíça e austríaca no Brasil, sendo a amplitude e profundidade de sua historiografia os principais motivadores de novas pesquisas – para os quais, assim esperamos, esse dossiê venha também contribuir. Em especial, ao fim de sua leitura, esperamos que novas propostas surjam para a resolução de três tensões conceituais.

A primeira é a tensão entre história local e global. A abordagem “desvinculada” de histórias nacionais e da “hipótese dos ciclos de vida da migração” não implicam a diminuição da relevância das pesquisas de história local. Pelo contrário, histórias locais não apenas constituem o elemento empírico por excelência da história global (inclusive para criticá-la), mas também se justificam em si mesmas. Em contexto diverso, pode-se repetir hoje quase o mesmo que Rubens Borba de Moraes e Egon Schaden afirmaram em 1941 e 1959, respectivamente: apesar de avanços significativos, muito da história das migrações para o Brasil ainda está completamente por fazer, sobretudo no que concerne a organizações (bairros rurais, colônias privadas, escolas, grupos associativos etc.), even-

<sup>33</sup> Vide Willems (1946, p. 116, 119-120, 344-5) e Seyferth (2011), que salientam o interesse do imigrante em adaptar-se à cultura e às oportunidades econômicas brasileiras, seja pela compra de um cavalo como bem de consumo conspícuo que o igualasse ao vizinho gaúcho, seja pela acumulação continuada de terras e de escravos que o igualasse aos potentados econômicos do país. Para as implicações linguísticas deste fenômeno, vide Schaden (1959, p. 125-126; Spinassé, 2008).

tos (revoltas e greves, ondas imigratórias específicas, efemérides coloniais etc.), agentes (histórias de empresas, biografias de personalidades extraordinárias ou representativas de certos estratos socioeconômicos etc.) e fontes (almanaques, literatura colonial, microdados rurais etc.)

A segunda tensão está entre a abordagem de curto- e longo-prazo no que concerne à imigração. Curiosamente, conforme demonstrado nesse dossiê, a literatura de desenvolvimento de longo-prazo e a nova historiografia regional têm caminhado em sentidos opostos nesse quesito, com a primeira salientando os impactos que os estrangeiros tiveram sobre as instituições e cultura brasileiras e a segunda, as limitações que aquelas mesmas instituições e cultura impuseram aos imigrantes. Há um grande número de quase-experimentos relacionados aos povos de língua alemã no Brasil que podem informar esse debate amplo sobre imigração, mudança institucional e desenvolvimento. Estes incluem, mas não se limitam, aos impactos da nacionalização varguista sobre a acumulação de capital humano de longo-prazo e estudos mais sistemáticos (sobretudo em seus mecanismos de transmissão) dos efeitos das colônias sobre o desenvolvimento humano, para o Brasil como um todo.

Finalmente, há a eterna tensão entre tradição e novidade, também na historiografia. O conceito de continuidade historiográfica que embasa esta introdução e perpassa os artigos do dossiê demonstram, no entanto, que as pesquisas futuras têm muito a ganhar se se voltarem à literatura clássica. Não por esta ter respondido a todas as questões colocadas, mas pelas hipóteses que levantaram – muitas das quais apenas recentemente (ou ainda não) testáveis –, pelos sólidos conceitos que nos legaram e, ao longo do tempo, por terem se tornado elas mesmas fontes primárias.

## Referências

ALTENHOFEN, C. V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996

ALVES, D. B. *Colhedores de café: cartas dos imigrantes alemães publicadas nos jornais da Turíngia*. Berlin: Wissenschaftlicher Verlag Berlin, 2006.

AMADO, J. *A Revolta dos Mucker. Rio Grande do Sul, 1868-1898*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002.

ARENDDT, I. C. *Educação, religião e identidade étnica. O Allgemeine Lehrerzeitung e a escola evangélica no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

ARGOLLO FERRÃO, A. M. Colonos na fazenda Ibicaba, empresários em Piracicaba: a evolução sócio-econômica de um grupo de alemães (1850-1880). *Anais do III Congresso Brasileiro de História Econômica e 4ª Conferência Internacional de História de Empresas*, 1999.

ASSIS E. F. de; MARSON, M. D. As origens do financiamento industrial no Brasil (1891-1940): um estudo da Companhia Antarctica Paulista. *Análise Econômica*, v. 38, n. 77, p. 227-258, 2020.

ASSOCIAÇÃO DAS SOCIEDADES ALEMÃS. *Hundert Jahre Deutschland in Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Associação das Sociedades Alemãs, 1924.

BENDER, S. M. Capital social e desenvolvimento em São Leopoldo. Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul (Dissertação de mestrado), 2007.

BEZERRA, M. C. dos S. *Imigração, educação e religião: um estudo histórico-sociológico do Bairro dos Pires de Limeira, uma comunidade rural de maioria teuto-brasileira*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Dissertação de mestrado), 2001.

BEZERRA, M. C. dos S. *Educação étnica: a pluralidade das propostas educacionais de origem germânica no Estado de São Paulo*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Tese de doutorado), 2007.

BIEHL, J.; MÜGGE, M. *Escritos perdidos: vida e obra de um imigrante insurgente*. São Leopoldo: Oikos, 2022.

BISAN ALVES, E. *Etnicidade, nacionalismo e autoritarismo: a comunidade*

*alemã sob a vigilância do DEOPS (1930-1945)*. Coleção História da Repressão e da Resistência, 3. São Paulo: Associação Editorial Humanitas/FAPESP, 2006.

BOLLE, W.; KUPFER, E. E. (Orgs.) *Cinco séculos de relações brasileiras e alemãs / Fünf Jahrhunderte deutsch-brasilianische Beziehungen*. São Paulo: Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2013.

BÖSCHE, E. T. *Wechselbilder von Land- und Seereisen, Abentheuern, Begebenheiten, Staatsereignissen, Volks- und Sittenschilderungen während einer Fahrt nach Brasilien und eines zehnjährigen Aufenthalts daselbst, in den Jahren 1825 bis 1834. Mit Berücksichtigung der nach Brasilien ausgewanderten Deutschen*. Hamburg: Hoffmann und Campe, 1836.

BOSENBECKER P.; MONSMA, K. Os empresários binacionais da imigração: uma discussão histórica. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, v. 23, n. 1, p. 170-192, 2018.

BOVO, A. L. *Uma época de restrições e impedimentos: alemães e descendentes em Rio Claro – SP na 1ª metade do século XX (1914-1945)*. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista (Dissertação de mestrado), 2019.

BRASIL, Comissão Brasileira na Exposição Universal de Vienna. *Das Kaiserreich Brasilien auf der Wiener Weltausstellung von 1873*. Rio de Janeiro: Universal-Buchdruckerei von E. & H. Laemmert, 1873.

BREITENBACH, W. *Die deutsche Auswanderung und die Frage der deutschen Kolonisation in Südbrasilien*. Leipzig: Duncker und Humblot, 1887a.

BREITENBACH, W. *Über das Deutschthum in Südbrasilien. Eine Studie*. Hamburg: Richter, 1887b.

BRUZZI CURI, L. F.; LIMA, D. B. M. de; PEREIRA, V. B. M. German economic strategies for Brazil: autarky and extended economic space in the 1930s. *Journal of Iberian and Latin American Economic History*, v. 37, n. 3, p. 479-506, 2019.

BRUZZI CURI, L. F. *Nationalökonomie nos trópicos: pensamento econômico alemão no Brasil (1889-1945)*. São Paulo: HUCITEC, 2021.

BUARQUE DE HOLANDA, S. Prefácio do tradutor. In DAVATZ, T. *Memórias de um colono no Brasil (1850)*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1941.

BUARQUE DE HOLANDA, S. As colônias de parcerias. In BUARQUE DE HOLANDA, S.; CAMPOS, P. M. (Orgs.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II, v. 5: O Brasil Monárquico: Reações e transações. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 289-307, [1960] 2004.

CANSTATT, O. *Brasilien. Land und Leute*. Berlin: Verlag Ernst Siegfried Mittler und Sohn, 1877.

CARVALHO FILHO, I. de; COLISTETE, R. P. Education performance: was it all determined 100 years ago? Evidence from São Paulo, Brazil. *MPRA Working Paper*. Disponível em <[https://mpra.ub.uni-muenchen.de/24494/1/MPRA\\_paper\\_24494.pdf](https://mpra.ub.uni-muenchen.de/24494/1/MPRA_paper_24494.pdf)> (último acesso em 20 de novembro de 2024).

CARVALHO FILHO, I.; MONASTERIO, L. Immigration and the origins of regional inequality: government-sponsored European migration to southern Brazil before World War I. *Regional Science and Urban Economics*, v. 42, n. 5, p. 794-807, 2012.

CASSIDY, E. S. The ambivalence of slavery, the certainty of Germanness: representations of slave-holding and its impact among German settlers in Brazil, 1820–1889. *German History*, v. 33, n. 3, p. 367-384, 2015.

CHRISTILLINO, C. Estranhos em seu próprio chão: o processo de apropriações e expropriações de terras na província de São Pedro do Rio Grande do Sul (o Vale do Taquari no período de 1840-1889). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2004.

COHEN, I. S. Thomas Davatz revisitado: reflexões sobre a imigração germânica no século XIX. *Revista de História*, São Paulo, n. 144, p. 181-211, 2001.



COLISTETE, R. P. O atraso em meio à riqueza: uma história econômica da educação primária em São Paulo, 1835 a 1920. São Paulo: Universidade de São Paulo (Tese de Livre-Docência), 2016.

COLISTETE, R. P. Contando o atraso educacional: despesas e matrículas na educação primária de São Paulo, 1880-1920. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, v. 62, n. 2, p. 1-37, 2019.

CORRÊA DO LAGO, L. A. *Da escravidão ao trabalho livre, 1550-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DAVATZ, T. *Die Behandlung der Kolonisten in der Provinz St. Paulo in Brasilien und deren Erhebung gegen ihre Bedrücker. Ein Noth- und Hilfsruf an die Behörden und Menschenfreunde der Länder und Staaten, welchen die Kolonisten angehörten*. Chur: Druck von Leonh. Hitz, 1858.

DAVATZ, T. *Memórias de um colono no Brasil (1850)*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1941.

DEAN, W. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

DEDEKIND, M. *Brasilien, das Ziel deutscher Auswanderer und die Deutsche Evangelische Kirche in Brasilien. Zur Jahrhundertfeier deutscher Einwanderung in Brasilien*. Elberfeld: Evangelische Gesellschaft für die protestantischen Deutschen in Südamerika, 1924.

DIETRICH, A. M. *Caça às suásticas. O partido nazista em São Paulo sob a mira da polícia política*. Coleção Histórias da Repressão e da Resistência, v. 2. São Paulo: Editora Humanitas/FAPESP, 2007.

DIETRICH, A. M.; BISAN ALVES, E.; PERAZZO, P. F.; TUCCI CARNEIRO, M. L. *Inventário DEOPS, Módulo I – Alemanha*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 1997.

DOMSCHKE, R.; OBERMEIER, F.; WEVER, H. H.; HUSS, H.-P. *Deutschsprachige Brasilienliteratur. Publicações sobre o Brasil em língua ale-*

*mã. 1500-1900*. São Paulo/São Leopoldo: Instituto Martius-Staden/Oikos, 2011.

DREHER, M. N. *Igreja e Germanidade: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. 1ª ed. (português). São Leopoldo: Editora Sinodal, 1984.

DREHER, M. N. O desenvolvimento econômico do Vale do Rio dos Sinos. *Estudos Leopoldenses. Série História*, v. 3, n. 2, p. 49-70, 1999.

DREHER, M. N. Notas para uma história da educação protestante no Brasil. *Estudos Leopoldenses. Série Educação*, v. 4, n. 6, p.133-150, 2000.

DREHER, M. N. O suíço Johann Jakob von Tschudi (1818-1889) e suas leituras da América do Sul. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 38, supl., p. S50-S60, 2012.

DREHER, M. N. *Breve história das migrações alemãs para o Brasil*. São Leopoldo: Oikos, 2024.

DREHER, M. N.; MÜGGE, E. (Apres.). *Os primórdios da colônia alemã de São Leopoldo* [reprodução fac-similar da Revista do Arquivo Público do Rio Grande do Sul, 1924]. São Leopoldo: Oikos, 2023.

EHRL, P.; MONASTERIO, L. Inherited cultural diversity and wages: surname-based evidence. *Journal of Economic Geography*, v. 24, n. 4, p. 595-614, 2020.

FESTSCHRIFT zur Jahrhundertfeier der ersten deutschen Einwanderung in Rio Grande do Sul: die Deutschen der Kolonie Serra Cadeado (1824-1924). Ijuí: Livraria Serrana, 1924.

FICKER, C. *História de Joinville. Crônica da Colônia Dona Francisca*. Joinville: Imprensa Ipiranga, 1965.

FINGER, A.; KATHÖFER, G.; LARKOSH, C. *KulturConfusão – On German-Brazilian Interculturalities*. Berlin: De Gruyter, 2015.

FOUQUET, C. *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil: 1808-1824-1074*. São Paulo: Instituto Hans Staden; São Leopoldo: Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1974.

FREYREISS, G.-W. *Beiträge zur näheren Kenntnis des Kaiserthums Brasilien, nebst einer Schilderung der neuen Colonie Leopoldina u. der wichtigsten Erwerbszweige für europäische Ansiedler, sowie auch eine Darstellung der Ursachen, wodurch mehrere Ansiedlungen mißglückten*. Frankfurt: Sauerländer, 1824.

GANS, M. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

GERTZ, R. E. *O fascismo no sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GERTZ, R. E. (Org.) *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1996.

GERTZ, R. E. *O Perigo Alemão*. 2ª ed. Síntese rio-grandense, 5. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1998.

GERTZ, R. E. (Org.). *Karl von Koseritz: seleção de textos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

GERTZ, R. E.; FOCHESSATTO, C. M. de; PORTELA, G. C.; RAMOS, R. C. R.; CERIOLI, A. de C.; LOPES, C. G. D. *Bibliografia sobre imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul, 2016/2024*. Disponível em <<https://renegertz.com/arquivos/Bibliogra2023.pdf>> (último acesso em 29 de outubro de 2024).

GOLDMAN, F. Aspectos das migrações norte-americanas após a Guerra Civil. In BUARQUE DE HOLANDA, S.; CAMPOS, P. M. (Orgs.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II, v. 5: O Brasil Monárquico: Reações e transações. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 308-322, [1960] 2004.

GONÇALVES, P. C. Procuram-se braços para a lavoura: imigrantes e retirantes na economia cafeeira paulista no final do Oitocentos. *Revista Brasileira de História*, v. 34, n. 67, p. 283-308, 2014.

GONÇALVES, P. C. Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle da mão de obra para a economia agroexportadora Oitocentista. *Almanack*, n. 17, p. 307-361, 2017.

GONÇALVES, P. C. *Mercadores de braços. Riqueza e acumulação na organização da emigração europeia para o Novo Mundo*. São Paulo: Alameda, 2021.

GREGORY, J. L. As fazendas e colônias da Serra de Itaqueri: apropriação de terras, economia e direitos de propriedade (Rio Grande de São Pedro, século XIX). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (Dissertação de mestrado), 2024.

GRININGER, V. (1991). Imigração suíça em São Paulo: a história da Colônia Helvetia. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Dissertação de mestrado), 1991.

GRÜTZMANN, I. Intelectuais de fala alemã no Brasil do século XIX: o caso Karl von Koseritz (1830-1890). *História UNISINOS*, São Leopoldo, v. 11, n. 1, p. 123-133, 2007.

GRÜTZMANN, I. Lehrer-Kalender: história de produção e publicidade de material didático (1923-1938). In ELY, N. H. (Ed.). *Dom Pedro de Alcântara – marcas do tempo*. Porto Alegre: EST, 2010.

GRÜTZMANN, I. Dr. Wilhelm Rotermund e a Evangelische Buchhandlung: opções de leitura em língua alemã de 1877 a 1879. In SANTOS, A. B.; VARGAS, J. M.; LEAL, E. da C. (Orgs.). *Fronteiras e identidades: reunião de artigos do II EIFI*, p. 519-528. Pelotas: UFPel, 2017.

GUENTHER, J. German migration to Brazil in global perspective: trends & new directions. *História Econômica & História de Empresas*, v. 27, n. 3, 2024.

HANDELMANN, H. *Geschichte von Brasilien*. Berlin: Verlag von Julius Springer, 1860.

HATTON, T.; WILLIAMSON, J. G. International migration and world development: a historical perspective”. *NBER Historical Paper* No. 41, 1992.

HATTON, T.; WILLIAMSON, J. G. Emigration in the long-run: evidence from two global centuries. *Asian Pacific Economic Literature*, v. 23, n. 2, p. 17-28, 2009.

HATTON, T. The economics of international migration: a short history of the debate. *Labour Economics*, v. 30, p. 43-50, 2014.

HEFLINGER JR., J. E. *Ibicaba: o berço da imigração alemã de cunho particular*. Limeira: Unigráfica, 2007.

HEFLINGER JR., J. E. *A Revolta dos Parceiros na Ibicaba*. Limeira: Unigráfica, 2009.

HERING, M. L. R. *Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau: Editora da FURB, 1987.

HÖRMEYER, J. *O que Jorge conta sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, [1863] 1966.

HUNSCHE, C. H. *O biênio 1824/25 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. 2ª ed. Porto Alegre: A Nação, 1975.

HUNSCHE, C. H. *O ano de 1826 da imigração alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)*. Porto Alegre: Metrópole, 1977.

HUNSCHE, C. H.; ASTOLFI, M. *O quadriênio 1827-1830 da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: G&W, 2004.

JAHN, A. *Wichtige Beiträge zur Einwanderung und Kolonisation in Brasilien*. Berlin: Verlag von J. Guttentag, 1874.



KAERGER, K. *Brasilianische Wirtschaftsbilder. Erlebnisse und Forschungen*. 2. Ed. Berlin: Verlag von Gergonne & Cie., [1889] 1892.

KAMPHOEFNER, W. *Südamerika als Alternative? Bestimmungsfaktoren der deutschen Überseewanderung im 19. Jahrhundert*. *Jahrbuch für Wirtschaftsgeschichte / Economic History Yearbook*, v. 41, n. 1, p. 199-216, 2000.

KARASTOJANOV, A. M. S. *Vir, viver e talvez morrer em Campinas: um estudo sobre a comunidade alemã residente na zona urbana durante o II Império*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Dissertação de mestrado), 1998.

KERST, S. G. *Die brasilianische Provinz Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Länderkunde*. *Neues Magazin der neuesten Reisebeschreibungen in unterhaltenden Auszügen*. Berlin: Braunes, 1832.

KISLING, W. *German merchants, banks, and coffee in Belle Époque Brazil*. *História Econômica & História de Empresas*, v. 27, n. 3, 2024.

KREUTZ, L. *Escolas da imigração alemã no Rio Grande do Sul: perspectiva histórica*. In MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (Orgs.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história*, p. 149-161. Canoas: Editora da ULBRA, 1994.

KREUTZ, L. *Modelo de uma igreja imigrante: educação e escola*. In DREHER, M. N. (Org.). *Populações rio-grandenses e modelos de igreja*. Porto Alegre/São Leopoldo: Edições EST/Sinodal, 1998.

KUPFER, E. E. *Uma viagem pela imigração alemã para o Brasil no século XIX*. In WITZEL DE SOUZA, B. G.; SANTIN GARDENAL, L. A. (Orgs.). *Ibicaba (1817-2017). Entendendo, vivendo e construindo futuros*, p. 251-276. Campinas: Pontes Editora, 2021.

LAMBERG, M. *Brasilien. Land un Leute in ethischer, politischer un volkswirtschaftlicher Beziehung und Entwicklung*. Leipzig: Verlag von Hermann Zieger, 1899.

LAMOUNIER, M. L. Formas de transição da escravidão ao trabalho livre: a Lei de Locação de Serviços de 1879. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Dissertação de mestrado), 1986.

LANGE, H. *Südbrasilien: die Provinzen São Pedro do Rio Grande do Sul, Santa Catharina und Paraná, mit rücksicht auf die deutsche kolonisation*. 2. Ed. Leipzig: Verlag von Paul Froberg, [1882] 1885.

LANZA, A. L. *De braços para lavoura a proprietários rurais? Imigrantes e o acesso à terra em São Paulo, 1886-1920*. São Paulo: Universidade de São Paulo (Tese de doutorado), 2021a.

LANZA, A. L. 'E fizeram América?' Mobilidade socioeconômica dos primeiros colonos de Ibicaba. In WITZEL DE SOUZA, B. G.; SANTIN GARDENAL, L. A. (Orgs.). *Ibicaba (1817-2017). Entendendo, vivendo e construindo futuros*, p. 175-203. Campinas: Pontes Editora, 2021b.

LE MOS, J. S. *Os mercenários do Imperador*. Porto Alegre: Letra & Vida, 2013.

LENZ, S. *Alemães no Rio de Janeiro: diplomacia e negócios, profissões e ócio (1815-1866)*. São Paulo: EDUSC, 2008.

LEVIEN, A. L. A. Histórias do Turnen na *Leopoldenser Turnverein* (Sociedade Ginástica de São Leopoldo). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas (Dissertação de mestrado), 2011.

LIMA, A. N. Os crimes de *Wursten & companhia*: empreendedores escravistas de língua alemã no Brasil (1808-1888). *História Econômica & História de Empresas*, v. 27, n. 3, 2024.

LISBOA, K. M. Da expedição científica à ficcionalização da viagem. Martius e seu romance indianista sobre o Brasil. *Acervo (Rio de Janeiro)*, v. 21, p. 115-132, 2008.

LISBOA, K. M. Imperialismo, missão e exotismo: narrativas de viajantes de língua alemã no Brasil nas primeiras décadas do século XX. *História. Questões e Debates*, v. 58, p. 63-88, 2013.

LISBOA, K. M. Memórias da migração e do trabalho: três mulheres alemãs no Brasil (1880-1920). *História Econômica & História de Empresas*, v. 27, n. 3, 2024.

LOPES, D. A. F.; SILVA FILHO, G. A.; MONASTERIO, L. From past to present: ancestry and student achievement in Brazil. *Empirical Economics*, 2024 (online pre-print).

MACHADO, C. da S. A família e o impacto da imigração (Curitiba, 1854-1991). *Revista Brasileira de História* [online], v. 17, n. 34, p. 75-100, 1997.

MAGALHÃES, D. R. F. Terras, senhores, homens livres, colonos e escravos na ocupação da fronteira no Vale dos Sinos. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (Tese de doutorado), 2003.

MAMIGONIAN, A. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 27, n. 3, p. 389-481, 1965.

MARSON, M. D. Origens dos empresários da indústria de máquinas e equipamentos em São Paulo, 1870-1900. *Nova Economia*, v. 22, n. 3, p. 481-511, 2012.

MARTINS, A. L.; COHEN, I. S. *O Brasil pelo olhar de Thomas Davatz*. São Paulo: Atual, 2000.

MIKI, Y. *Frontiers of citizenship: a black and indigenous history of postcolonial Brazil*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2018.

MONASTERIO, L.; LOPES D. A. F. Brasil sem imigrantes: estimativas de longo prazo baseadas em microdados. *IPEA – Texto para Discussão 2435*, 2018.

MONSMA, K. Vantagens de imigrantes e desvantagens de negros: emprego, propriedade, estrutura familiar e alfabetização depois da abolição no Oeste Paulista. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, v. 53, n. 3, p. 509-543, 2010.

MONSMA, K. (Org.). *Passado e presente de imigrantes alemães e descendentes no Brasil: historiografia, representações, atividades econômicas, participação política, religião e identidades*. Porto Alegre: Editora Fênix, 2022.

MONSMA, K.; WITT, M. A. Complementares e excludentes: diálogos sobre imigração alemã e escravidão (Rio Grande do Sul e São Paulo). *História Econômica & História de Empresas*, v. 27, n. 3, 2024.

MOTA, I. M. Cruzando caminhos em Ibicaba. Escravizados, imigrantes suíços e abolicionismo durante a *Revolta dos Parceiros* (São Paulo, 1856-1857). *Afro-Ásia*, n. 63, p. 291-326, 2021.

MÜGGE, M. H. Building an empire in the Age of Revolutions: independence and immigration in the Brazilian borderlands. *Topoi*, v.23, n. 51, p. 870-896, 2022.

MÜGGE, M. H. As origens militares da imigração alemã no Brasil. In DREHER, M.; MÜGGE, E. (Orgs.). *Colônia alemã de São Leopoldo: 200 anos de história*, p. 329-336. São Leopoldo: Oikos, 2024.

MÜLLER, T. L. *Colônia alemã: 160 anos de história*. Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

MUSACCHIO, A.; FRITSCHER, A. M.; VIARENGO, M. Colonial institutions, trade shocks, and the diffusion of elementary education in Brazil, 1889-1930. *The Journal of Economic History*, v. 74, n. 3, p. 730-766, 2014.

NADALIN, O. S. João, Hans, Johann, Johannes: dialética dos nomes de batismo numa comunidade imigrante. *História UNISINOS*, v. 11, n. 1, p. 14-27, 2007.

NEUMANN, G. R. O Brasil na literatura alemã do século XIX: Amalia Schoppe e Friedrich Gerstäcker. *Tópicos*, v. 3, p. 40-43, 2003.

NEUMANN, G. R. Dr. Wilhelm Rotermund – Leben und Werk. *Martius-Staden-Jahrbuch*, v. 57, p. 65-79, 2010.

NEUMANN, G. R. A literatura em língua alemã produzida no Brasil: imigração e literatura entre duas culturas. *Cadernos de Hipogrifo – Revista de Literatura Hispanoamericana y Comparada*, n. 8, p. 93-107, 2017.

NIEDERHUT, C. F. *100 Jahre deutsches Leben in Brasilien*. São Leopoldo: Rotermund, 1924.

NOGUERÓL, L. P. F. A transição para o trabalho livre no Brasil – hipóteses a partir da Nova Economia Institucional. *História Econômica & História de Empresas*, v. 19, n. 2, p. 265-294, 2016.

OBERACKER JR., C. H. Vestígios suíços na história do Brasil. *Revista de História*, v. 35, n. 72, p. 463-481, 1967.

OBERACKER JR., C. H. *A contribuição teuta à formação da nação brasileira*. Rio de Janeiro: Presença, 1968.

OBERACKER JR., C. H. *Jorge Antônio von Schaeffer, criador da primeira corrente emigratória alemã para o Brasil*. Porto Alegre: Editora Metrópole, 1975.

OBERACKER JR., C. H. A colonização baseada no regime da pequena propriedade agrícola. In BUARQUE DE HOLANDA, S.; CAMPOS, P. M. (Orgs.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II, v. 5: O Brasil Monárquico: Reações e transações. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 260-288, [1960] 2004.

O'ROURKE, K. H.; TAYLOR, A. M.; WILLIAMSON, J. G. Factor price convergence in the late nineteenth century. *International Economic Review*, v. 37, n. 3, p. 499-530, 1996.

O'ROURKE, K. H.; WILLIAMSON, J. G. *Globalization and history: the evolution of a nineteenth-century Atlantic economy*. Cambridge, MA: MIT Press, 1999.

OLIVEIRA, D. A. F. de. Ocupação e resistência: Paredão – uma comunidade remanescente de quilombo em zona de colonização europeia.



Novo Hamburgo: FEEVALE (Dissertação de mestrado), 2018.

PENNY, H. G. German polycentrism and the writing of history. *German History*, v. 30, n. 2, p. 265-282, 2012.

PENNY, H. G. Historiographies in dialogue: beyond the categories of Germans and Brazilians. *German History*, v. 33, n. 3, p. 347-366, 2015.

PENNY, H. G. *German history unbound. From 1750 to the present*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2022.

PERAZZO, P. F. *O Perigo Alemão e a repressão policial no Estado Novo*. Coleção Teses e Monografias, v. 1. São Paulo: Imprensa Oficial, 1999.

PEREIRA DA SILVA, G. Estrangeiras e nacionais: as maiores casas exportadoras de café em Santos (1897-1930). *Estudos Econômicos*, v. 53, n. 2, p. 305-341, 2023.

PÉREZ MELÉNDEZ, J. J. *Peopling for profit in Imperial Brazil. Directed migrations and the business of nineteenth-century colonization*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2024a.

PÉREZ MELÉNDEZ, J. J. The Meanings of Restriction: The *Heydt Rescript* of 1859 and German Migrations to Brazil. *História Econômica & História de Empresas*, v. 27, n. 3, 2024b.

PONS AGNELLI, H. Vestindo a Wehrmacht: as exportações brasileiras de algodão para a Alemanha, 1934-1940. *História Econômica & História de Empresas*, v. 26, n. 1, p. 110-140, 2023.

RAMOS, E. H. C. da L. *O teatro da sociabilidade: clubes sociais como espaços de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: São Leopoldo, 1850-1930*. São Leopoldo: Oikos, 2020.

RELLY, E. Imigração alemã ao Brasil (século XIX) e Prússia: fronteiras permeáveis e diálogos entre história global e micro-história. *História UNISINOS*, v. 20, n. 3, p. 273-286, 2016.

RELLY, E. A colonização agrária prussa-alemã no Brasil meridional: o *Urwald* e as mudanças socioecológicas na Mata Atlântica (século XIX). *História Econômica & História de Empresas*, v. 27, n. 3, 2024.

RINKE, S. *Latin America and the First World War*. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 2017.

ROCHA, R.; FERRAZ, C.; SOARES, R. R. Human capital persistence and development. *American Economic Journal: Applied Economics*, v. 9, n. 4, p. 105-136, 2017.

ROCHE, J. *A colonização alemã no Espírito Santo*. Corpo e Alma do Brasil, v. 28. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

ROCHE, J. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. V. I. Porto Alegre: Globo, 1969.

SANTOS NOBRE, S. A. dos. *Associação dos professores teuto-brasileiros do estado de São Paulo: uma reconstrução histórica da trajetória de um órgão associativo voltado à educação étnica no período de 1916 a 1938*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Dissertação de mestrado), 2004.

SCHADEN, E. Alguns problemas e aspectos do folclore teuto-brasileiro. *Revista de Antropologia*, v. 7, n. 1-2, p. 123-137, 1959.

SCHÄFFER, R. *Der deutsch-brasilianische Siedlungslehrer. Handbuch der deutsch-brasilianischen Siedlungsschulen*. Porto Alegre: H. Metzler, 1924.

SCHALLENMÜLLER, R. Um missionário suíço em Ibicaba: uma abordagem literária e sociocultural a Thomas Davatz. In WITZEL DE SOUZA, B. G.; SANTIN GARDENAL, L. A. (Orgs.): *Ibicaba (1817-2017): entendendo, vivendo e construindo futuros*, p. 135-155. Campinas: Pontes Editora, 2021.

SCHANZ, M. *Das heutige Brasilien. Land, Leute und wirtschaftliche Verhältnisse*. Hamburg: W. Maule Söhne, 1893.

SCHEFER CARDOSO, R. R. Capítulos de formação de um território negro: a escravidão rural no Vale do Caí (RS – 1870/1888). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (Dissertação de mestrado), 2005.

SCHLICHTHORST, C. *Rio de Janeiro wie es ist. Beiträge zur Tages- und Sitten-Geschichte der Hauptstadt von Brasilien mit vorzüglicher Rücksicht auf die Lage des dortigen deutschen Militairs*. Hannover: Hah'schen Hofbuchhandlung, 1829.

SCHULZE, F. 'Auslandsdeutschtum' in Brazil (1914-1941): global discourses and local histories. *German History*, v. 33, n. 3, p. 405-422, 2015.

SEIDLER, C. *Zehn Jahre in Brasilien / während der Regierung Don Pedro's und nach dessen Entthronung. Mit besonderer Hinsicht auf das Schicksal der ausländischen Truppen und der deutschen Colonisten*. Quedlinburg/Leipzig: Gottfr. Basse, 1835.

SELLIN, A. W. *Das Kaiserreich Brasilien*. Leipzig/Prag: G. Freytag/F Tmpsky, 1885.

SEYFERTH, G. Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão da bibliografia. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB*, n. 25, p. 3-55, 1988.

SEYFERTH, G. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, v. 53, p. 117-149, 2002.

SEYFERTH, G. The slave plantation and foreign colonization in Imperial Brazil. *Review (Fernand Braudel Center)*, v. 34, n. 4, p. 339-387, 2011.

SILVA FERREIRA, L. M. da. Terra, trabalho e indústria na colônia de imigrantes Dona Francisca (Joinville), Santa Catarina, 1850-1920. São Paulo: Universidade de São Paulo (Tese de doutorado), 2019.

SILVA FERREIRA, L. M. da. Empresários alemães no sul do Brasil: a trajetória da *Kolonisations-Verein von 1849 in Hamburg* (1846-1855). *História Econômica e História de Empresas*, v. 23, n. 1, p. 165-196, 2020.

SILVA FERREIRA, L. M. da. Sistema de parceria e mercado de trabalho na colônia Dona Francisca: novas evidências sobre a colonização europeia no sul do Brasil na transição da escravidão, 1851-1876. *Estudos Econômicos*, v. 54, n. 1, p. 1-38, 2024.

SILVA FERREIRA, L. M. da. Parceiros, pequenos proprietários e diaristas: migrantes e imigrantes de língua alemã nas províncias de Santa Catarina e Espírito Santo (1840-1860). *História Econômica & História de Empresas*, v. 27, n. 3, 2024.

SILVA VAROLO, F. R.; RIBEIRO, A. I. M.; FÉLIX, J. L. *Trajetória educacional dos imigrantes alemães no interior do estado de São Paulo. Uma escola alemã na colônia Riograndense: 1922–1938 (Maracá/Cruzália-SP)*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

SIRIANI, S. C. L. *Uma São Paulo alemã: vida cotidiana dos imigrantes germânicos na região da Capital (1827-1889)*. Coleção Teses e Monografias, v. 6. São Paulo: Arquivo do Estado, 2003.

SIRIANI, S. C. L. Os descaminhos da imigração alemã para São Paulo no século XIX – aspectos políticos. *Almanack Braziliense*, n. 2, p. 91-100, 2005.

SOMMER, F. *Die Deutschen in São Paulo. I. Band: Deutsche in Portugal und Brasilien vor dem Jahre 1808. II. Band: Die Deutschen in São Paulo 1808-1840. III. Band: Die Deutschen in São Paulo 1840-1890*. São Paulo: Instituto Martius-Staden (Manuscrito não publicado), 1945.

SPINASSÉ, K. P. O hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha. *Espaço Plural*, v. 9, n. 19, p. 117-126, 2008.

STADEN, H. *Viagem ao Brasil*. Publicações da Academia Brasileira (Versão do texto de Marpurgo, de 1557, por Alberto Löfgren. Revista e anotada por Theodoro Sampaio). Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, [1557] 1930.

STAUDT MOREIRA, P. R.; MÜGGE, M. H. *Histórias de escravos e senhores em uma região de imigração europeia*. São Leopoldo: Oikos, 2014.

STEIN, S. J. The historiography of Brazil 1808-1889. *The Hispanic American Historical Review*, v. 40, n. 2, p. 234-278, 1960.

STOLCKE, V.; HALL, M. H. The introduction of free labour on São Paulo coffee plantations. *The Journal of Peasant Studies*, v. 10, n. 2-3, p. 170-200, 1983.

STOLZ, Y.; BATEN, J.; BOTELHO, T. Growth effects of 19<sup>th</sup> century mass migrations: 'Fome Zero' for Brazil? *European Review of Economic History*, v. 17, n. 1, p. 95-121, 2013.

THISTLETHWAITE, F. Migration from Europe overseas in the nineteenth and twentieth centuries. *Rapport to XI International Congress of Historical Sciences*, 1960.

TRAMONTINI, M. J. *A organização social dos imigrantes*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2000.

TSCHUDI, J. J. von. ([1866]). *Reisen durch Südamerika*. Band III. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1867.

VIOTTI DA COSTA, E. O escravo na grande lavoura. In BUARQUE DE HOLANDA, S.; CAMPOS, P. M. (Orgs.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II, v. 5: O Brasil Monárquico: Reações e transações. 8<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 165-225, [1960] 2004.

VIOTTI DA COSTA, E. *Da senzala à colônia*. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

VISCONDE DE ABRANTES. *Memoria sobre meios de promover a colonização*. Berlim: Typographia de Unger Irmãos, 1846.

WAPPÄUS, J. E. *Handbuch der Geographie und Statistik des Kaiserreichs Brasilien*. Leipzig: J. C. Hinrichs'schen Buchhandlung, 1871.



WEIZENMANN, T. “Sou, como sabem...”: Karl von Koseritz e a imprensa em Porto Alegre no século XIX (1864-1890). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Tese de doutorado), 2015.

FERENCZI, I.; WILLCOX, W. F. *International migrations, v. 1: Statistics*. Nova York: NBER Books, 1929.

WILLEMS, E. O desnivelamento econômico como fator de aculturação. *Revista de Imigração e Colonização*, v. II, n. 2/3, p. 799-811, 1941.

WILLEMS, E. A emancipação econômica das colônias germânicas no Brasil. *Revista de Imigração e Colonização*, v. III, n. 1, p. 71-84, 1942.

WILLEMS, E. Acculturation and the horse complex among German-Brazilians. *American Anthropologist*, New Series, v. 46, n. 2 – part 1, p. 153-161, 1944.

WILLEMS, E. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos emigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1946.

WITT, M. A. *Em busca de um lugar ao sol: estratégias políticas – Imigração alemã (Rio Grande do Sul, Século XIX)*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

WITT, M. A. Sobre escravidão e imigração: relações interétnicas. *História: Debates e Tendências*, v. 14, n. 1, p. 21-35, 2014.

WITT, M. A. A historiografia das migrações alemãs no Bicentenário (1824-2024). In MONSMA, K. (Org.). *Passado e presente de imigrantes alemães e descendentes no Brasil: historiografia, representações, atividades econômicas, participação política, religião e identidades*, p. 23-59. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022.

WITTER, J. S. Hormeyer, Joseph – O que Jorge conta sobre o Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 6, p. 150-151, 1969.

WITTER, J. S. *Ibicaba, uma experiência pioneira*. 2ª ed. *Coleção Monografias*, v. 5. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1982.

WITZEL DE SOUZA, B. G. Imigração alemã e mercado de trabalho na cafeicultura paulista – um estudo quantitativo dos contratos de parceria. *História Econômica & História de Empresas*, v. 15, n. 2, p. 81-109, 2012.

WITZEL DE SOUZA, B. G. Immigration and the path dependence of education: the case of German-speakers in São Paulo, Brazil (1840-1920). *The Economic History Review*, v. 71, n. 2, p. 506-539, 2018.

WITZEL DE SOUZA, B. G. Imaginando diferentes ‘São Paulos’ no Império Alemão: perspectivas sobre a imigração (1890-1905). *Prâksis*, v. A18, n. 1, p. 25-53, 2021.

WITZEL DE SOUZA, B. G. ‘The same contract that is suitable for your Excellency’: Immigration and emulation in the adoption of sharecropping-cum-debt arrangements in Brazil (1835–80). *The Economic History Review*, v. 77, n. 2, p. 612-643, 2024.

WITZEL DE SOUZA, B. G.; SANTIN GARDENAL, L. A. (Orgs.). *Ibicaba (1817-2017). Entendendo, vivendo e construindo futuros*. Campinas: Pontes Editora, 2021.

ZANTOP, S. *Colonial fantasies: conquest, family, and nation in precolonial Germany*. Durham: Duke University Press, 1977.

ZENHA, E. A colônia alemã de Santo Amaro, sua instalação em 1829. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, v. 16, p. 47-142, 1950.